

## MARIA DO CARMO DE MELLO REGO

*Vera Randazzo*

Era jovem, decidida, culta e de família de boa estirpe. Corajosa e decidida não tinha medo de nada e queria saber de tudo: dos fatos acontecidos outrora, da curva dos rios, da velocidade das águas, do nome das árvores, quem fez a casa, o palácio ou a rua e principalmente das pessoas. Mesmo das mais simples, fosse um humilde vaqueiro, um rude sitiante ou um desconfiado índio.

Destacava-se pela elegância nos salões da família imperial no Rio de Janeiro, pois era amiga de D. Pedro II e de sua família. Era também bonita, a senhora que veio para Cuiabá em fins do século passado, com apenas 24 anos.

Assim era Maria do Carmo !

Casada com o General Francisco Raphael de Mello Rego, moravam no Rio de Janeiro e quando ele recebeu a Carta Imperial de 12 de setembro de 1887, com ordens para governar a Província de Mato Grosso, imediatamente embarcou com sua esposa no navio Trent, de bandeira inglesa, para assumir o cargo, onde acumularia, também, o de Comandante das Armas, em virtude do falecimento do Gal. Domingos José da Costa Pereira.

Singraram a costa brasileira pelo Atlântico e em três dias chegaram a Montevideú, a bela capital uruguaia, onde Maria do Carmo morara algum tempo com seus pais e era chamada de Carmencita. Ela que principiara a viagem, bastante apreensiva, um tanto por deixar sua confortável casa com o jardim e suas orquídeas que estavam iniciando a floração da primavera, mas também por mudar-se para um lugar tão longínquo com um clima tão diferente, segundo tinham lhe informado, teve entretanto uma decisiva surpresa.

Aconteceu que nos aposentos onde descansavam na cidade, enquanto esperavam o navio que os levariam pelo rio Paraná, por mais de três mil quilômetros, ao seu destino, um velho amigo de seus pais que a conhecera em Jaguarão, no Rio Grande do Sul, sabendo pelos jornais de sua passagem, foi com sua família, visitar foi o casal e grande foi a alegria deste reencontro.

Era o argentino Dom Julian Sarachaga que muito moço, emigrara para o Brasil acompanhando sua mãe, Dona Carmen, que depois de perder seu marido torturado e morto pelo ditador da Argentina, Juan Manuel Rosas, escolheu para viver com o filho, a cidade natal de Maria do Carmo.

Aliás, em Jaguarão, Dom Julian exerceu diversos cargos, devido sua cultura e fina educação, tendo presidido a primeira mesa diretora da Santa Casa de Misericórdia (1875) do qual era também benfeitor e onde é lembrado até hoje, segundo o historiador gaúcho, Dr. Eduardo Alvares de Souza Soares que escreveu artigos sobre ele.

Foi durante esta visita que o velho amigo, proferiu estas palavras proféticas :



*Se yo la conociera menos, Carmencita, tanto la lastimara por verla ir a Mato Grosso, que llegaria quiçás a maldecir su marido, por llevarla tan lejos, a una tierra de onde vuelven todos descontentes; pero como la conosco desde niña, se me figura que no le va passar lo que a las otras; usted tendrá en la naturaleza motivos de distracciones. No se olvide de tomar apuntes de todo.*

Graças ao conselho, Maria do Carmo, tomou nota de muitos fatos durante o resto da viagem como as conversas com o prático do navio, o velho marinheiro de nacionalidade francesa Dom Fernando Echerbarne que ia lhe mostrando, no decorrer da viagem pelos rios Paraná e Paraguai, as marcas da Guerra do Paraguai, os pontos interessantes e pitorescos, as nuvens rosadas de colhereiros, as árvores cobertas de garças brancas, enfim tudo, que mais tarde, ela descreveria como uma viagem maravilhosa, e diria ... *gostei tanto, tanto de Mato Grosso, que mal sei exprimir as gratas recordações e fundas saudades que d'elle conservo.*

E assim no seu livro publicado, dez anos depois, Maria do Carmo descreve a passagem pela ilha de Martin Garcia, ainda no estuário do Prata e depois a viagem pelo rio Paraná, quando Dom Fernando mostrou-lhe o local onde foi travada a celebre batalha do Riachuelo, em 1865, e Humaitá onde viram uma torre em ruínas pelas balas dos brasileiros. Passaram por grandes laranjais e viram mulheres colhendo e carregando à cabeça, cestas com frutas que seriam vendidas no Rio do Prata. Foram também a Assunção ver o palácio do ditador Francisco Solano Lopes, que ainda ostentava os estragos feitos pelos canhões dos nossos navios.

Em Urquiza sente saudades do seu Rio Grande do Sul, pela semelhança dos campos com os da estância de seus pais, às margens do rio Jaguarão-Chico.

Lamenta nossa Carmencita, ter passado pelo Forte de Coimbra numa noite chuvosa, pois gostaria de ver as belezas de lá e a Gruta do Inferno que conhecia através das descrições do Dr. João Severiano da Fonseca, da sua obra *Viagem ao redor do Brasil*, publicada em 1882.

Os primeiros passos de Maria do Carmo na terra mato-grossense, foram no porto da fazenda das Três Barras, do senhor Boaventura, onde todos os viajantes foram gentilmente convidados a tomar leite no curral. Com que alegria, Maria do Carmo, ouve falar em português, depois de muitos dias só ouvindo espanhol. Conhece a esposa e as belas filhas do fazendeiro e é convidada também a tomar um café na casa deles, naquele local, hoje cidade de Porto Murtinho de Mato Grosso do Sul. Em Corumbá, para sua tristeza, desembarca seu amigo Fernando Echebarne e que nunca mais veria.

Afinal, chegaram ao cabo de um mês de viagem ao Porto de Cuiabá, onde não há ninguém a esperá-los. Acabrunhada, vai a pé, acompanhando o marido, do Porto até a cidade, por mais de um quilometro, numa rua em terreno acidentado e sempre em



subida. Era ao crepúsculo e ela considera-se ... *até arrependida de ter ido tão longe*. Lembra-se de Dom Pedro II que um dia lhe dissera que sabia que ela morava numa região que até para pedir fogo ao vizinho, ia-se montada a cavalo.

Mas, após uns dias de descanso esquece as impressões da chegada, envolvida pelas visitas e pela gentileza dos cuiabanos, quando até a presenteiam com um belo cavalo branco !

E sucedem-se os piqueniques e passeios campestres, na região do Coxipó e mais tarde lembrará as brincadeiras com seus amigos, mas também, a fundação de Cuiabá, com a descoberta de ouro naquele rio de águas cristalinas.

Acha, porém, feias a maioria das casas cuiabanas, até mesmo a grande casa de esquina, onde vivera e morrera em 1888, o Barão de Melgaço e que embora caiada de pouco, estava com as janelas de vidros quebrados. Mas gosta da Casa do Comando das Armas, do casarão do Coronel Pedro Corrêa e também do Palácio Episcopal onde vai seguido, pois tornou-se amiga do Bispo Dom Carlos Luís Amour.

Acha interessante a paixão que há em Cuiabá, por bailes e música, onde qualquer aniversário, batizado ou casamento é pretexto para dançarem, mesmo que o evento seja em lugares distantes da cidade. E também o costume de passearem no jardim em frente do Palácio do Presidente, às quartas-feiras e aos domingos.

Assistiram, Maria do Carmo e o marido Presidente, ao casamento da filha mais jovem, do Barão de Casalvasco, Firmo José de Mattos, quando "*... á profusão, ás luzes e ao bom gosto em tudo, se juntavam a distinção e maneiras corretas da família toda.*" E naturalmente ao luxuoso baile.

Entre as senhoras que se tornaram suas amigas, relembra Dona Maria Leopoldina, viúva do Cel. Fontes e proprietária da Usina do Aricá que embora jovem dirigia a grande propriedade com seu engenho e fazenda de pecuária com muita determinação ou a Dona Demethilde Metelo também viúva e era tão entusiasmada pelo progresso de Cuiabá que foi das primeiras pessoas a adquirir ações, para si e seus filhos, da futura linha de bondes, quando poucos acreditavam nesse melhoramento que afinal se concretizou.

Fez também amizade com a família do Senador Generoso Paes Lemes de Souza Ponce, tanto que um dos exemplares de seu livro "Lembranças de Mato Grosso", ela oferece com sua bela letra, à amiga Alice Ponce que mais tarde se casaria com o capitão-tenente Álvaro Amarante Peixoto de Azevedo, tia da nossa centenária Dona Maria de Arruda Müller.

Mas talvez a mais extraordinária aventura de Maria do Carmo tenha sido a descoberta de um sambaqui ou seja um cemitério indígena, na região do rio Jauru, na ocasião que acompanhou o marido à Cáceres.

Em conversa com um ribeirinho, soube que este acidentalmente, ao fazer um buraco para fincar um esteio para seu rancho na barranca do Tucum, encontrou um pote de barro muito grande. Cavando mais viu que existiam inúmeros. Maria do



Carmo, logo soube que deveriam ser na verdade, urnas funerárias onde os índios em tempos remotos, enterravam seu mortos. Imediatamente quis conhecer o lugar e até ajudou a escavar o terreno, onde encontrou vários objetos como panelas, cachimbos e ... esqueletos humanos!

Chegou a entrar num pote e segundo ela ... *a boca dava-me pelos peitos; tinha de diâmetro 95 centímetros !*

Contou, em Cuiabá, sua descoberta ao Dr. Karl von den Steinen, Chefe da Comissão alemã que explorava o rio Xingu que considerou o achado extraordinário e importantíssimo, ele que também escreveria várias obras da literatura científica de Mato Grosso, como *Entre os aborígenes do Brasil Central*.

Acompanhando o marido em Cáceres, fala do Marco do Rio Jauru, com suas inscrições em latim, da velha igrejinha, da imagem de São Luís, padroeiro da cidade com seu manto bordado de Flores-de-lis e à cabeça, a coroa dos reis da França. Estavam construindo a nova matriz que ela considerava que seria a maior de Mato Grosso e quando visitou o Largo onde eram efetuadas as festivas cavalcadas, admira as ruas muito bem traçadas de Cáceres.

Maria do Carmo, tendo encontrado, caçadores que abatiam aos milhares, as garças do pantanal, publicou indignada em seu livro *Lembranças de Mato Grosso* :

*Como um protesto sinão um brado de dôr contra o extermínio radical de que estão ameaçados os níveos e graciosos pernaltas, que tanto embelecem àquelas regiões, aqui deixo denunciado o fato de se estar explorando em larguíssima escala a matança de garças, cujas penas remetidas para Buenos Aires e Montevidéu, são exportadas e vendidas na Europa, como provindas do Rio do Prata !*

*Aproveito pois, o ensejo para fazer um apelo ao Governo de Mato Grosso, afim que proíba ou, pelo menos, cerceie essa cruel e devastadora indústria que dará, com certeza, cabo das lindas e inocentes aves, a formosa criação de Deus naquele vastíssimo território tão despovoado de quaesquer seres."*

Sem filhos legítimos e tendo Maria do Carmo visitado uma aldeia dos Bororo, recebeu para criar um menino que passou a ser a alegria do casal Mello Rego. Seu nome indígena era Piududo que quer dizer Beija-flor. Seus pais adotivos batizaram-no com o nome de Guido e quando voltam ao Rio de Janeiro, consideram o filho *vivaz, perspicaz, gentil, meigo e afetuoso*, e é todo o enlevo do casal.

Entretanto, na fazenda da família, na cidade fluminense de Mendes, Guido é acometido por grave doença e embalde o tratamento médico e a ansiedade dos pais, falece em 1892, deixando todos desolados. Maria do Carmo, embora profundamente consternada, consegue consolo escrevendo sobre o filho, desde o dia que o conheceu



ao participar das cerimônias dos Bororo para a escolha dos nomes das suas crianças, as roupagens usadas, os ritos, os seus artefatos e a alegria de todos, naquele dia tão especial!

E o que escreveu, de uma forma pungente e dolorosa, foi lido pelo seu amigo escritor, o Visconde de Taunay que sugeriu-lhe sua publicação, tendo feito uma emocionante apresentação para o livro que foi mesmo publicado.

A Senhora Mello Rego nunca esqueceu o que soube sobre a índia Bororo, com nome cristão de Rosa que fora capturada por uma Bandeira, ainda jovem com uma filha pequena e fora entregue na casa do Major Miranda Rodrigues, cuja esposa Dona Clara, cuidava das duas com carinho de mãe.

Rosa foi imortalizada, na história de Mato Grosso, pela decisiva ajuda que em 1886, deu ao alferes Antônio José Duarte, incumbido pelo Presidente Provincial Dr. Joaquim Galdino Pimentel, para promover a paz entre os índios da tribo dos Bororo, do Vale do São Lourenço, sempre provocando sangrentas escaramuças com os demais habitantes da região e até mesmo, os dos arredores do Coxipó.

A paz foi afinal conseguida, mas a filha adolescente de Rosa, já estudante em Cuiabá e que fora junto nessa expedição para conhecer seu povo, foi acometida de grave enfermidade, talvez malária, falecendo assim que retornou a Cuiabá.

Difundindo também várias lendas do nosso folclore, como a do Curupira e a da Alavanca de Ouro do morro da Igreja do Rosário em seus trabalhos, dados relacionados com sua estada aqui, publicou *Guido* em 1895, *Lembranças de Mato Grosso* em 1897 e *Artefactos Indígenas de Matto Grosso* no ano seguinte.

E assim, esta extraordinária primeira dama provincial, a inteligente e bonita gaúcha, Maria do Carmo de Mello Rego que registrou suas impressões sobre a terra que aprendeu a amar, é hoje lembrada com admiração, por quantos estudem a literatura brasileira do século XIX ou mesmo, queiram conhecer os costumes da sociedade, tanto dos palácios como dos ranchos e da terra mato-grossense, sobre a qual diria, anos depois: ... *muitas vêzes se molharam as patas do meu cavalo branco nas águas daquele solitário Porto, que tão fundas saudades em mim despertavam sempre e do qual tão saudosamente me recordo hoje!*

#### O PRESIDENTE DA PROVINCIA DE MATO GROSSO E MARIDO DE MARIA DO CARMO DE MELLO REGO

O General Francisco Raphael de Mello Rego que foi o trigésimo primeiro governante da Província de Mato Grosso, era um homem culto e cursara a Escola Militar do Rio de Janeiro com Antônio Maria Coelho, mais tarde também general e do qual era amigo e que seria, por sua vez, o primeiro Presidente Republicano do Estado.



Assim que tomou posse no governo, no dia 16 de novembro de 1887, cumprindo a Carta Imperial de 12 de setembro do mesmo ano, o Presidente Mello Rego, inteirando-se dos problemas mato-grossense com a Província de Goiás, não só defendeu nossos direitos como escreveu um livro intitulado *Limites de Mato Grosso com Goiás*, editado pela Imprensa Nacional em 1897 e que é até hoje leitura obrigatória aos estudiosos da questão. Também publicou *O Forte de Coimbra - Sua fundação e os acontecimentos que com ele se relacionam*, pela Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, em 1906.

Durante o seu governo, houve um acontecimento importante : a princesa Isabel, filha do Imperador Dom Pedro II e na época sua regente, assinou a 13 de maio de 1888, a Lei Áurea abolindo a escravidão no Brasil (aliás o único país americano que ainda conservava escravos).

O General Francisco Raphael de Mello Rego, presidiu os destinos mato-grossense por pouco mais de um ano, mas deixou para os seus pósteros, feitos importantes e um desses foi a lei que proibia por três anos, a pesca por meio de redes ao longo do rio Cuiabá e em todos os seus afluentes.

Era a primeira vez que um governante preocupava-se com um assunto de tanta magnitude ecológica e que hoje possui legislação mais abrangente e vários órgãos fiscalizadores.

Nessa ocasião, o Presidente mobilizou toda a Assembléia Legislativa Provincial e afinal a Lei n.º 757, foi assinada e por ele sancionada no dia 15 de novembro de 1888, exatamente em plena época da piracema, quando os peixes sobem os rios e córregos para desovarem e multiplicarem-se !

## BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

MENDONÇA, Estevão, *Datas Mato-Grossenses*. Edição revista e atualizada pelo Historiador Rubens de Mendonça. Goiânia, Ed. Rio Bonito, 1973.

NADAF, Yasmin Jamil. A Escrita de Maria do Carmo de Mello Rego, no século XIX - *Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso*. Cuiabá, 1997.

NADAF, Yasmin Jamil. Literatura Matogrossense, de Autoria Feminina - Séculos XIX e XX. *Anais da VI Seminário Nacional da Mulher e Literatura*. Rio de Janeiro, 1995.

MENDONÇA, Rubens de. *História de Mato Grosso*. Ed. Imprensa Oficial do Estado S<sup>ª</sup> São Paulo, 1982

REGO, Maria do Carmo de Mello. *Lembranças de Mato Grosso*. Rio de Janeiro, Tipografia Leuzinger, 1897. Edição Fac-similar de 1897. Várzea Grande, Fundação Júlio Campos, 1993.

SILVA, Paulo Pitaluga Costa e. *Estudo Bibliográfico da História, Geografia e Etnologia de Mato Grosso*. Cuiabá, 1992.